

Práticas Disciplinares na Instituição Escolar: Um Mecanismo de Controle na Visão Foucaultiana

Adriana Araújo Costeira de Andrade
Jackelinne Maria de Albuquerque Aragão
Myrta Leite Simões¹

Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba – CEFET-PB

adrianacosteira@hotmail.com
jackelinnecordeiro@hotmail.com
myrtasimoes@ig.com.br

Resumo: As práticas disciplinares, na visão Foucaultiana (1994), têm por finalidade à construção de sujeitos rápidos, ordeiros, eficientes, produtivos, úteis, disciplinados e dóceis. Dentro dessa perspectiva de pensamento teórico, elas têm se tornado mecanismos e dispositivos de vigilância, docilizando corpos e mentes nos mais diversos espaços sociais. Objetivando retratar esses mecanismos de disciplinamento, nos detemos, aqui, aos dispositivos de controle presentes no espaço social da instituição escolar. É, sobretudo na escola, que essas práticas disciplinares podem ser observadas nas mais variadas formas, desde a sujeição dos alunos em relação às normatizações ou às regras estabelecidas e ditadas pela escola até as práticas avaliativas mais diversas. O trabalho de pesquisa aqui apresentado é de caráter descritivo e se fundamenta, teoricamente, no conceito de prática disciplinar estabelecido por Foucault (1994). Os resultados demonstram que os efeitos de controle e de disciplinamento, presentes na instituição escolar, se revelam como uma forma de domesticação de sujeitos.

Palavras-chave: *Práticas disciplinares – disciplinamento – instituição escolar- domesticação de sujeitos*

Abstract: The disciplinary practices, in Foucault's vision (1994), have as goal the construction of fast, obedient, efficient, productive, useful, disciplined and docile individuals. In this perspective of theoretical thought, they have become surveillance mechanisms and devices, sweetening bodies and minds in the most diverse social spaces. Aiming to focusing on these disciplinary mechanisms, we concentrate, here, on the control devices present in the social spaces of the school institution. It is, specially, in school that these practices can be observed in their most diverse ways, from the students' subjection as concerns the norms or the rules set up by school up to several evaluative practices. The research work, here presented, is of descriptive character and it is based, theoretically, on the concept of disciplinary practice established by Foucault (1994). The results show that the control and disciplinary effects, present in the school institution, reveal themselves as a way of domesticating individuals.

Key-words: *Disciplinary practices – discipline – school institution – individuals' domestication*

¹ Autor a quem toda correspondência deverá ser endereçada

1. Introdução

O artigo de pesquisa aqui apresentado, intitulado *Práticas Disciplinares na Instituição Escolar: um mecanismo de controle na visão Foucaultiana*, surgiu a partir de leituras e de reflexões em torno das seguintes temáticas: (1) a constituição do campo teórico da Análise do Discurso (doravante AD); (2) os conceitos fundadores da AD Francesa; (3) as três épocas da AD e, finalmente, (4) o lugar de Michel Foucault, filósofo francês, nesta área de investigação e de conhecimento. É, então, diante dessas leituras, que este trabalho de pesquisa se propõe a uma reflexão inicial sobre os mecanismos disciplinares presentes no espaço escolar, tendo em vista questões como a disciplina, a ordem e o controle, aspectos amplamente discutidos e comentados quando da sua contribuição teórica à área da Análise do Discurso Francesa.

Propomo-nos, pois, a trilhar o seguinte percurso: abordamos, primeiramente, a questão central aqui tratada, ou seja, as práticas disciplinares. Posteriormente a esse primeiro momento, centramos nossa atenção na instituição escola como um espaço disciplinador de sujeitos. Prosseguimos nossa trajetória focando o poder do professor na sala de aula, e afunilamos a nossa discussão para as práticas avaliativas. Partimos, então, para algumas considerações finais, dando um passo inicial para que outras reflexões possam ser feitas.

2. Foucault e as práticas disciplinares

Para Foucault (1994), as práticas disciplinares têm como objetivo e finalidade a construção de sujeitos rápidos, ordeiros, eficientes, produtivos, úteis, disciplinados e dóceis, como podemos visualizar a partir da ilustração que segue:



Figura 1. Finalidade das práticas disciplinares

Para isso, alguns mecanismos de disciplinamento são utilizados, tais como distribuir no espaço, ordenar no tempo, compor no espaço-tempo, selecionar saberes, dar caráter de universalidade, obrigar a frequência bem como o uso do uniforme, avaliar, competir, premiar, punir moralmente, entre outros (Foucault, 1994).

Tais técnicas visam intensificar a *performance* do sujeito, multiplicar a sua capacidade produtiva e intelectual e colocar as pessoas no lugar onde serão mais eficazes.

No tocante às características desse “regime disciplinar” podemos observar, conforme Revel (2005, p.35) que ele:

(...) caracteriza-se por um certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço, e do movimento dos indivíduos que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos.

Lopes de Matos (2002, p. 36), ao tratar a disciplina na perspectiva Foucaultiana diz que:

A disciplina estabelece, de certa forma, uma relação de consentimento e sujeição entre quem controla e quem é controlado. É fortalecida pela punição aos que se desviam, para que aprendam a observar a inadequação às regras, sentindo que cometeram uma falta grave. O castigo funciona também para servir de exemplo aos demais. E, assim, como existe o castigo, também há a recompensa para os que seguem as regras.

No que se relaciona à possível origem das disciplinas aqui referidas, Revel (2005) observa que estas não nascem no século XVIII, como inicialmente se pensava, mas que se encontram em espaços diversos, tais como conventos, seminários, hospitais, escolas, forças armadas, oficinas, entre outros, desde há muito tempo.

É, entretanto, com Foucault que surge a necessidade de se compreender a forma pela qual essas práticas disciplinares tornam-se fórmulas gerais de dominação, fazendo-se presentes em ambientes como escolas, hospitais, conventos e os mais diversos lugares de produção, permitindo, sobretudo, a gestão, a disciplina e o controle de indivíduos.

Na Aula Inaugural, no *College de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970, Foucault (1996, p.8) apresenta uma hipótese do trabalho

realizado por ele, ressaltando, também, a questão do controle do discurso em nossa sociedade:

Eis a hipótese que gostaria de apresentar esta noite, para fixar o lugar – ou talvez o teatro mais provisório – do trabalho que faço: suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

No que se relaciona às relações de poder num determinado campo social, Foucault (2004) aponta que elas estão sempre presentes, sendo, portanto, relações que podem ser encontradas em diferentes níveis, sob diferentes formas, e, constantemente, nas relações humanas.

Vivemos, assim, numa sociedade disciplinar, numa sociedade de controle, onde nossos corpos e mentes são, a todo o momento, naturalmente controlados, de tal forma que, não nos apercebemos de tais mecanismos de repressão e de controle.

Um exemplo dessa presença de poder pode ser traduzida pelos mecanismos de disciplinamento existentes na instituição escolar, através do controle dos modos de falar, da forma de vestir, da obediência aos horários, da maneira de agir, e, até mesmo, das práticas avaliativas da escola.

3. A escola como instituição disciplinadora

A instituição disciplinar surgiu, formalmente, em meados do século XVIII e no início do século XIX. Salientamos, entretanto, que mesmo na Antiguidade greco-romana, como também, na Idade Média, vários tratados acerca da governamentalidade¹¹ já se apresentavam como formas de bem governar tanto a si mesmo como ao outro.

Tal regime disciplinar consistia na utilização de métodos diversos, os quais permitiam um controle sobre o corpo e sobre a mente das pessoas, através do domínio sobre o tempo, sobre o espaço e até mesmo sobre os gestos e atitudes das mesmas (Foucault, 2004).

No que se relaciona à sua finalidade, esta, como foi anteriormente ressaltado, era a de produzir

mentes e corpos submissos, disciplinados, úteis e dóceis (Foucault, 1994).

O mecanismo de disciplinamento e de adestramento aqui mencionado é encontrado em uma diversidade de instituições. No presente trabalho nos atemos, entretanto, ao mecanismo de disciplinamento existente na instituição escolar.¹²

Magalhães (2002, p.83), referindo-se à construção do modelo disciplinar declara que:

Quando Foucault descreve a construção do modelo disciplinar instituído pela sociedade nos séculos XVII e XVIII, demonstra que instituições como a prisão, o manicômio e a escola servirão para recolher, educar e reeducar os seres humanos que precisam enquadrar-se no modelo de cidadão, “bom” e produtivo. O estabelecimento de um saber se materializa nas práticas escolares como um saber verdadeiro, porque está sendo repassado no espaço da escola, instituição que representa o local a quem devem ir todos aqueles que querem aprender.

E, de fato, a escola, como temos visto, utiliza-se de um variado número de recursos pedagógicos, didáticos, disciplinares e até arquitetônicos e organizacionais visando, sobretudo, a constituir nos indivíduos a sua conformação social, segundo afirma Revel (2005, p.36):

Essa ‘anatomia política’ investe então sobre as escolas, os hospitais, os lugares de produção, e mais geralmente sobre todo espaço fechado que possa permitir a gestão dos indivíduos nos espaços, sua repartição e sua identificação. O modelo de uma gestão disciplinar perfeita está proposto por meio da formulação benthaminiana do “panóptico”, lugar de enclausuramento onde os princípios de visibilidade total, de decomposição das massas em unidades e de sua reordenação complexa segundo uma hierarquia rigorosa permitem submeter cada indivíduo a uma verdadeira economia do poder: numerosas instituições disciplinares – prisões, escolas, asilos – possuem ainda hoje uma arquitetura panóptica, isto é, um espaço caracterizado, de uma parte, pelo enclausuramento e pela repressão dos indivíduos, e, de outra, por um abrandamento do funcionamento do poder.

¹¹ Governamentalidade, para Foucault (1994) é a reunião entre as técnicas de dominação e de controle exercidas sobre os outros e as técnicas de si.

¹² É interessante mencionar que o modelo disciplinar aqui referido e comentado foi, em parte construído a partir da experiência que Foucault teve, no período compreendido entre 1971- 72, no interior do Grupo de Informação sobre as Prisões, conhecido como GIP.

Em relação ao ensino, Foucault (1996, p.44) assim se posiciona:

O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes?

Tais características possibilitam à escola um controle eficiente e produtivo sobre aqueles por ela administrados.

A escola utiliza-se de uma série de técnicas e estratégias, estabelecendo o limite entre o que é normal e o que é anormal, silenciando subjetividades e padronizando, assim, o seu espaço.

Magalhães Júnior (2002, p.81), ao tratar da disciplina no ambiente da escola sustenta que:

A disciplina constitui-se como uma ferramenta que auxilia no estabelecimento de uma ordem que representa interesses de um grupo. A escola funciona como aparelho disciplinador a serviço dos jogos de força que procuram modelar e enquadrar os seres humanos.

Desse modo, podemos observar na escola vários meios de controle e de dominação, o que, de certa forma, obriga os sujeitos a assumirem um comportamento de homogeneidade e de equilíbrio. Um desses meios de controle e de dominação pode ser também verificado através das práticas avaliativas nela desenvolvidas.

A avaliação no ambiente escolar atua como um mecanismo de classificação e de exclusão, servindo, de modo geral, para classificar, castigar e definir o destino dos alunos de acordo com as normas e regulamentações escolares. A escola, assim, tem uma função seletiva de exclusão.

A avaliação, por sua vez, se configura como a avaliação da culpa. É importante ressaltar também que alguns elementos como (1) notas, (2) frequência, (3) participação em sala de aula, (4) contribuições ao professor, (5) existência de conselho de classe, (6) atribuição de notas qualitativas, entre outros, são usados como um instrumento controlador da disciplina em sala de aula e como um mecanismo para fundamentar a classificação e/ou a exclusão de alunos, como podemos visualizar a seguir:

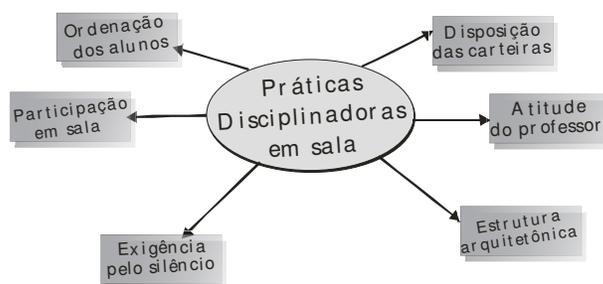


Figura 2. Instrumentos controladores da disciplina em sala de aula.

4. O poder do professor

O poder do professor manifesta-se, sobretudo, através das práticas avaliativas que, sob o pretexto de avaliar, acaba, na realidade, selecionando os alunos.

A avaliação se revela, então, como uma forma de exercício do poder. Assim, afirmar que as áreas do saber se formam na escola a partir de práticas disciplinares fundadas na vigilância significa dizer que os alunos serão mantidos sob um olhar permanente, que haverá registro de todas as observações sobre eles, através de boletins individuais de avaliação.

Um exemplo típico, nesse sentido, é o diário de classe, em que o professor registra, diariamente, informações, desde ausências e presenças até as atitudes mais simples dos alunos, constituindo-se, assim, em uma verdadeira técnica de controle, vigilância e de disciplinamento.

Somando-se ao exemplo anterior, podemos citar, também, a recompensa do professor aos alunos que se assujeitam à disciplina, bem como a punição, àqueles que a ela não se submetem, expondo-os como alunos problemáticos.

Outros exemplos de práticas disciplinadoras são (1) a ordenação dos alunos por fileiras, antes do início das aulas, (2) a disposição das carteiras em filas, na própria sala de aula, (3) a atitude do professor em sala, sempre no pedestal, como detentor do saber irrestrito e total, (4) a estrutura arquitetônica do ambiente da sala de aula, (5) a exigência constante por silêncio para que a aprendizagem seja efetiva, entre outros, como ilustrados na figura a seguir:

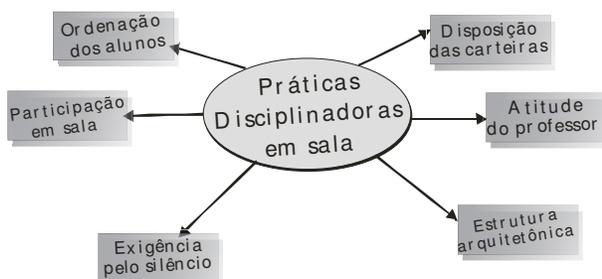


Figura 3. Exemplos de práticas disciplinadoras presentes na instituição escolar.

Nessa perspectiva, Foucault (1994, p. 9) refere-se ainda aos procedimentos de exclusão presentes na instituição escola, provocando, muitas vezes, o silenciar dos sujeitos:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.

Observa-se, também, que os processos de avaliação cerceiam o direito de manifestação dos alunos, o que pode ser comprovado através de exames, muitas vezes, pautados em questões fechadas, não favorecendo, portanto, um espaço aberto para o livre pensar, o opinar, o expor-se mas, do contrário, apenas para a mera reprodução daquilo que lhe fora ensinado.

A escola contribui, então, para a reprodução da ordem social através das práticas do vigiar, do punir, do ocultar e do classificar.

5. Considerações finais

O que observamos em relação ao disciplinamento, é que este está a serviço do que é “bom”, ou do que acredita-se ser bom.

Nesse sentido, as práticas disciplinares presentes na escola e na sociedade disciplinar, de forma geral, e aqui comentadas, precisam ser repensadas e revistas, considerando-se que elas não nos têm levado à reflexão e à maturação, não resultando, assim, em intervenção no real, como requer toda e qualquer ação fundamentada na Análise do Discurso Francesa.

Tais práticas disciplinares são pautadas, ao contrário, em análises imanentistas, conteudistas, passivas e mecânicas. Seus efeitos de controle e de

disciplinamento se revelam, muitas vezes, como uma forma de domesticação de sujeitos.

Colocamos, diante disso, a importância de que a nossa prática pedagógica seja sempre questionada, ultrapassando, assim, a educação estruturalista a que somos tradicionalmente afiliados.

É, somente, através de intervenções políticas no real, que poderemos ultrapassar os limites do ser passivo e se embrenhar por novos rumos, provocando, dessa forma, transformações sociais.

6. Referências

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, rev. Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes/Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. 256p.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 277p.

_____. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79p.

_____. **Estratégias, Poder, Saber: organização e seleção de textos**, Manoel Barros de Motta, Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. 390p.

MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano. *A Escola como espaço da disciplina e da transgressão*. In: MAGALHÃES JUNIOR, A. G. (Org.); VALCONCELOS, J. G. (Org.). **Um dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002. 120 p.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. *Juventude e Família: Da necessidade à construção do afeto*. In: MAGALHÃES JUNIOR, A. G. (Org.); VASCONCELOS, J. G. (Org.). **Um dispositivo chamado Foucault**. Fortaleza: LCR, 2002. 120 p.

REVEL, Judith; Michel Foucault: **Conceitos Essenciais**. São Carlos. Clara Luz, 2005. 96p. **Responsabilidade de autoria**

As informações contidas neste artigo são de inteira responsabilidade de seus autores. As opiniões nele emitidas não representam, necessariamente, pontos de vista da Instituição e/ou do Conselho Editorial.